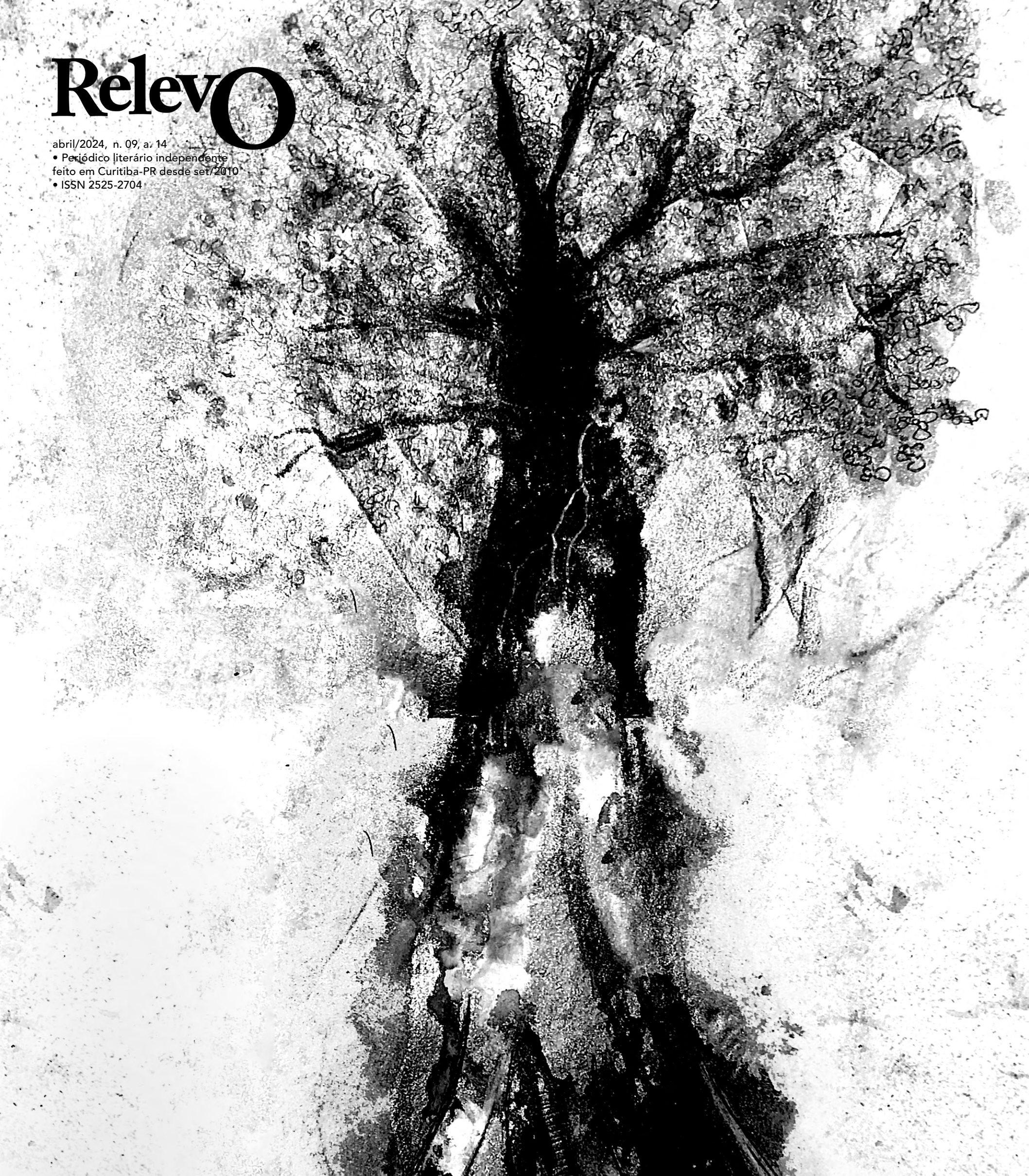


Relevo

abril/2024, n. 09, a. 14

- Periódico literário independente
- feito em Curitiba-PR desde set./2010
- ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O RelevO

não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O RelevO

recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O RelevO recebe ilustrações. O RelevO recebe fotografias. O RelevO aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de **Fabio Rocha**. Você pode conferir mais do trabalho dele em [instagram.com/fabr.r](https://www.instagram.com/fabr.r).

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:

R\$ 11 Ismael Dias; R\$ 15 Kelly Layher; R\$ 70 Andrey Derzette; Noah Mancini; João Pedro Azambuja de Freitas; Rafael Cal; José Amaral Neto; Tiago Fernandes Goes Cardoso; Marina Pilato; Eduardo Pereira; Piera Schneider; JC Martins; Gleidston Alis; Editora Tabla; Paulo Moreira; Leila Bortolazzi; Dalila Jora; Iuri de Sá; Patrick Fontanella Silva; Ismael Alencar; Rique Ferrari; Claudia Souza; Gabriela Ramos; Juliano Lira; Angela Marsiaj; Vinicius Duarte; Sidney Abel; Rômulo Cesar; Jozias Benedicto; Wilson José Couto; Luiz Renato Sassi; Rodrigo Pinto da Silva; Sandro Ayres; Igor Luchese; Frederico de Lucas; Helen Silva; Maria Do Carmo Rabelo Silveira; Elisama Oliveira Campos De Araújo; Sandra Fontenelle; Marta Neves; Laís Valério Gabriel; Rafael de Carvalho Parreira; R\$ 80 Rômulo Cardoso; Maritsa Kantikas; R\$ 100 Roseana Murray; Renan Machado; Felipe Soares; Juarez Cognato; Substack; José Alexandre Bastos Pereira; R\$ 105 João Scappa; Luiz Witiuk; R\$ 110 Decio Zylbersztajn; R\$ 140 Claudio José Dutra; Baga Defente; Pedro Duarte; Lara Santana; Iva França; R\$ 150 Gissele Chapanski; Adriana Vieira Soares Lomar; R\$ 200 Péricles Sousa; R\$ 210 Thomaz Ramalho; R\$ 280 Marcos Monteiro; R\$ 640 Evandro Valentim de Melo.

TOTAL: R\$ 6.316

ANUNCIANTES:

R\$ 50 O Alienígena; R\$ 70 Flesch Notes; Luiz Gustavo Vicente de Sá; R\$ 100 Rafael Estorilio; Everton Messias; R\$ 140 Cripto Cultural; R\$ 200 Editora Penalux; Flávio Sanso; Úrsula Antunes.

TOTAL: R\$ 1.130

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 2.280
Escritório: R\$ 300
Embalador: R\$ 50
Editor-executivo: R\$ 0
Editor-assistente: R\$ 400
Mídias sociais: R\$ 400
Diagramação: R\$ 200
Colaboradores de março: R\$ 600

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 200
Correios: R\$ 3.000

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 35

(+) Entradas totais: **R\$ 7.446**

(-) Saídas totais: **R\$ 7.665**

(=) Resultado operacional: - **R\$ 219**

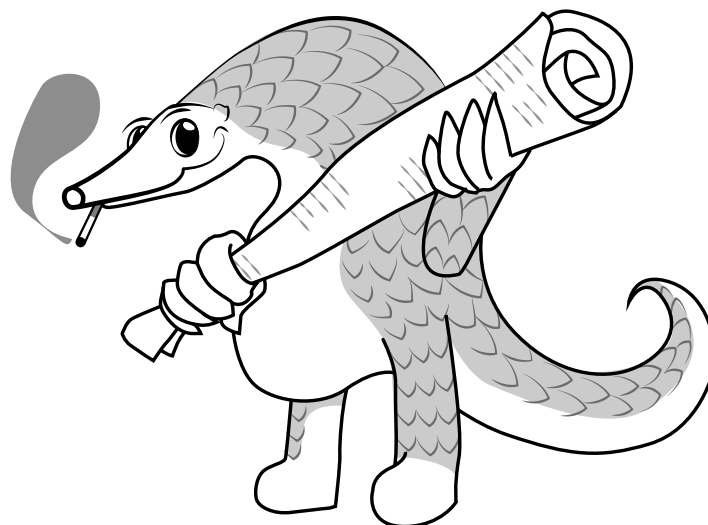
Abril/2024

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Zeh Gustavo
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Advogado: Rafael Estorilio
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 4.000

Edição finalizada em 27 de março de 2024.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Rafael Estorilio
Celso Martini
Rômulo Cardoso
Felipe Harmata
Amanda Vital
Whisner Fraga
Fernanda Dante



[instagram.com](https://www.instagram.com)
[facebook.com](https://www.facebook.com)
[twitter.com](https://www.twitter.com)
[medium.com](https://www.medium.com)

/JORNALRELEVO.COM

CARTAS

CUSTO PARA PUBLICAR

Tia Fraser Olá. Gostaria de saber o preço e quais os procedimentos para publicar um artigo no Jornal **RelevO**? Este jornal parece ser uma excelente aposta para a campanha de um cliente importante em que estou a trabalhar. Os nossos redatores internos podiam escrever um artigo de alta qualidade com base na audiência do jornal de modo a garantir que seja uma boa oportunidade para si também! Como temos vários clientes que procuram potenciar a sua marca através de conteúdo editorial neste nicho, provavelmente, podemos trazer mais oportunidades de futuro se estiver aberto a esta abordagem. Se preferir, podemos agendar uma chamada telefónica. Fico a aguardar uma resposta breve. Obrigado.

HONESTAMENTE

Marina Nunes Salve, Jornal! Cara, honestamente, não dei mais conta de ler o RelevO:(não por não gostar, muito pelo contrário. Mas acho que virei uma daquelas pessoas que manda carta pedindo pra cancelar porque a pilha de jornais parados deixa elas até ansiosas... Acho que, por agora, não vou renovar a assinatura. Mas desejo sucesso sempre, o **RelevO** é bom demais.

Luis Felipe Mayorga Obrigado pela curadoria em resgatar do arquivo essas preciosidades.

RELEVO HEALTH

Marcio Davie Claudino Genial as ideias de capas falsas do Jornal e, se me permitem uma sugestão: que tal uma capa estilo revista *Men's Health* ou algo do gênero pra zoar a cultura do corpo? Pensando em capas, me ocorrem de saída duas opções visuais... Uma chamada de falsa oficina de roteiros com Sylvester Stallone (ele realmente escreveu um livro) em Curitiba; outra, com Arnold Schwarzenegger numa de suas características poses sob o slogan brejeiro “Como eu se fiz governador da Califórnia”, do proposital equívoco pronominal snegiano (Schwarzenegger/Snege, olha só como o perigo mora perto) ou mesmo “Como se faz um governador na Califórnia”. Mas essas poderiam ser pseudo-matérias que venham na contracapa ou no início... Porque a capa, bem, também a própria revista *Men's Health* deve ter umas bem emblemáticas que sirvam de inspiração... E a temática é vasta, por tratar das coisas da saúde física para homens, como alimentação saudável, cuidados com o corpo e o processo de envelhecimento, exercícios, nutrição, acessórios e roupas e calçados para a prática de exercícios físicos e otimizar a performance física, sexual e mental... e a metrossexual hahaha. Porém, na categoria de aficcionados do estilo *Men's Health* de ser, podem haver subtípos como o *Men's Health* sem mimimi, que é aquele estilo analista de Bagé, macho,

que não vai na reposição hormonal, tratamento caro com procasterina, GH... este sem mimimi vai direto no autêntico *Men's Health* altaneiro, não frequenta a academia puxando ferro, não, ele é o próprio Maciste pantaneiro, ele pega o touro pelo rabo ou vai no testículo de touro! E por aí desfilam os procederes.

Helena Luiz Tentei comentar na newsletter de vocês, mas recebi como resposta que, para isso, tem de ser assinante. Ser assinante Enclave é diferente de ser assinante do **RelevO** em papel? Não um comentarista, de fato. Só ia colar este trecho: “One recent study found that by age 16 the typical American will have seen almost six million ads. This translates into more than one ad per waking minute.2 Such unremitting commercial bombardment is exerting a powerful effect on American culture. We are becoming advertising slogan experts. “Eat your Wheaties”; “Just do it”; “You deserve a break today at McDonald’s” – these are phrases we all know”. Só porque uma coisa fez lembrar a outra.

Pedro Álvares Boa noite, equipe do **RelevO**. Acabei de receber a edição de março. Fiquei feliz achando que era a de fevereiro que talvez estivesse atrasada, mas se tratava da de março mesmo. Podem enviar a de fevereiro com a de abril? (Ficaria feliz: duas edições inéditas no mês do meu aniversário!) E talvez ficasse melhor na logística só um envio. Obrigado e bom trabalho, estou amando as edições!

Carlos Henrique Boa tarde, Jornal, tudo na paz?! Cara, recebi há pouco um envelope com edições de dezembro, janeiro e fevereiro, além de um livro de poesia! Agradeço demais! Agora fiquei com dois exemplares de janeiro-fevereiro. Vou doá-los para a biblioteca de uma das escolas onde trabalho. Abraço e boa semana.

Maria Antônia Salgado Olá! Mandando este e-mail para avisar que recebi a edição desse mês e os retroativos (janeiro e dezembro). Demorou, mas chegou. ah, e tem uma antologia também. Gostei desse detalhe. Não vejo a hora de ler!

DESCULPADO

Yukiteru Amano Me desculpe, mas não acho que vocês produzem o tipo de conteúdo que eu gosto.

UMA CONVERSA

Jornal RelevO [...] E o que acha de seguir nos assinando?

Malina Xatman Só se vocês fizerem um círculo de cultura no cursinho popular em que sou militante.

PROPOSTA

Irene Rocha Olá, Senhor **RelevO**. Eu, PG Game Company, convidei você a ser acionista da empresa de boa fé. Se você usar seu tempo de trabalho como capital

para investir em nossa empresa, receberá 55% das ações que você traz para a empresa. Para ganhar sua confiança, colocaremos o departamento financeiro sob seu controle. Somente após nosso *backend* receber sua autorização é que emprestaremos dinheiro aos nossos clientes

Rosa Símilli Eu gostaria sim de assinar o Jornal! Saudade de receber algo no correio que não seja conta pra pagar.

QUEBRA DE PADRÕES

Mayk Oliveira Bom dia. Relevo chegou com antecedência absurda. No terceiro dia do mês. Sempre chegava na segunda quinzena. Muito obrigado e vida longa ao “bom do mês” (depois do salário, claro). Aliás, ainda pensa em disponibilizar a camisa do Jornal? Achei interessante adquirir a camisa do time. Gosto das cores e tem muito estilo.

Suêlen Alcântara Oi, Jornal. Bacana você por cá. Conheci vocês esse ano apenas e por meio de um anúncio fora do no insta, um blog, se bem me lembro. Enfim, li algumas coisas e gostei demais da irreverência e qualidade do periódico. Bravo! No momento, vivo na França. A única revista que assino no Brasil é a 451, que acaba sendo possível para mim em forma digital. Já pensei em vocês para este ano, mas não para agora. Talvez em meados do ano, quando vou ter uma grana na conta brasileira e vou poder ir ao Brasil trazer o que chega por lá na casa de minha mãe (já dando satisfação aqui rs?). Calma aí que dia desse eu chego junto. Obrigada!

Abel Sidney Longa vida ao **RelevO**! Estou na torcida para que os novos assinantes apareçam. Já assinei há poucos dias. Importante que a literatura em papel, impressa, recupere os seus espaços.

Lais Santos Belini Eu amo esse jornal, acho os textos tão bons e engraçados. Adoro o fato dele ser em papel mesmo, que suja a mão e é entregue em casa. Assinem 🍷

Walter Filho Eu queria mandar um abraço e um xero bem grande pra pessoa que escreveu a edição da newsletter com o título “Vendo pneu, catraca, fumo de arapiraca, pururuca, jararaca, fechadura, faichecler” porque ela me fez rir demais! Parabéns, vocês arrasaram muito!

CAPA DE MARÇO

Vivianne Fengári Que honra! Trabalho maravilhoso!

Marcelo Duani Maravilhosa, Vivianne Fengari. Maravilhoso **RelevO**. Viva a arte!

Eduardo Souza Recebi o meu exemplar de março aqui nas montanhas de MG.

Muito feliz pela parceria literária. Degustação segue na tarde de hoje. Avante!

OMBUDSMAN

Zeh Gustavo No episódio Fevereiro Bi(ssexto) da série “Os perigos de Zehzeira” (apaga! corrige! cancela!)... Ops, na segunda coluna como ombudsman do jornal RelevO, eis que levantamos a bola de uma boa e velha amiga, esquecida, a coitada, relegada ao abandono e recém-sequestrada e totalmente vilipendiada em sua (pretensa) falta de valores. “CRISE: o que faremos depois da escrotidão?” estampa a página 5 do longo e mal frequentado impresso literário de Curitiba. Qualquer reclamação, manda carta (também trabalhamos com e-mail, sinal de fumaça e beijo no canto da boca). Obs.: para quem ainda não é assinante (70 pilas ao ano, por 12 edições), a edição já está disponível gratuitamente para leitura na internet, só digitar jornal-relevo.com e apertar aquele enterzão, beleza? Na coluna do mês de março, o papo reto que faz curva é “Escrever: o diabo que mora no detalhe!”. Tudo começou (como sempre deveria, para um ombudsado que se preze!) com a seguinte frase catada na edição anterior: “Quer prêmio, medalha, reconhecimento, amor? Escrever é só um detalhe”. Como ando mal desse coisado todo... Por que não (a)tentar? Ao contrário dos meus pitacos literários ultrapassados, a edição tá caprichadíssima, só pra variar! E daqui a uns dias entra on-line

André Eitti Ogawa Sabemos que as redes sociais se popularizaram e jogaram pra escanteio parte importante da mídia impressa, que teve que se adaptar pra sobreviver. Eu sou um dos adeptos a ler notícias pelo celular ou pelo computador, assim como milhões de brasileiros. Há alguns anos era difícil ler as letras miúdas pelo telefone, mas hoje o modo de visualização evoluiu e a tela dos aparelhos aumentou. Ficou mais confortável e prático. Em casa ainda coexistem formas diferenciadas de leitura. Claro, minha estante está repleta de livros, mas não é só isso. Assino jornal e gosto de realizar as leituras sentindo a textura do papel e o cheiro da impressão. Abajur, café, sofá e cachorro dormindo ao lado completam o cenário. Delícias da vida que pouca gente entende.

PIRÂMIDE DO CHOCOLATE

Denise Lipinski Conheci e fiz uma experiência degustativa na Fábrica de Chocolates Utopia Tropical. Amei o chocolate do Jornal **RelevO** Intenso 70%. Vocês sabiam que no Centro de Curitiba tem uma chocolateria?

Victor Wolfenbüttel Prezados, boa tarde, Só para avisar que, na última semana, provoqueei a inscrição de dois novos assinantes. Seguirei na pregação do **RelevO**, espero conseguir mais. Vida longa! Atenciosamente.

Em que consiste uma vida bem vivida?

Em *Dias Perfeitos* (2023), de Wim Wenders, acompanhamos um zelador japonês em sua rotina mundana — o que, logo questionaremos, talvez não seja um pleonasma.

Hirayama, o protagonista (Koji Yakusho no mais alto nível), limpa banheiros. Com esmero, capricho, atenção. Ele acorda sempre do mesmo jeito; toma o mesmo café da manhã; locomove-se da mesma forma; mantém os mesmos hábitos (fotografia, jardinagem); descansa na mesma praça; banha-se no mesmo lugar; bebe o mesmo *highball*. Suas tecnologias já pararam no tempo, o que não demove seu prazer, uma vez que ele permanece um entusiasta de música e literatura.

O **Relevo**, este zelador sensível que chora de alegria sozinho no carro e de tristeza ao abraçar a família, sabe que a alegria reside na tristeza; e a tristeza, na alegria. Não somos os anjos de *Asas do Desejo* que leem pensamentos e se solidarizam com a melancolia humana — somos banalmente humanos e periódicos. Não há muito o que fazer além de, bom, continuar fazendo. Afinal, nosso tempo é finito: por que fazemos o que fazemos? O que significa aproveitar a vida? Em que consiste uma vida bem vivida?

Viajar pelo mundo? Conhecer um grande amor (ou vários)? Acumular poder? Acumular dinheiro? Qualquer indivíduo que já tenha vivido mais de meia-hora neste planeta sabe não subestimar nenhum desses fatores e, ao mesmo tempo, reconhece que acima de todos eles reside o bem-estar volátil, intempestivo e eternamente angustiado de cada um. Viajar pelo mundo com um grande amor e muito dinheiro certamente ajuda, mas não garante satisfação alguma — não por muito tempo. Se Anthony Bourdain se matou, por que eu não me mataria?

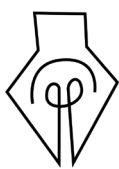
Não existe fórmula, tampouco algo mais solúvel que felicidade. O que diabos é a felicidade? Quem disse que devemos perseguir felicidade? A vida é o que é, os seres humanos são humanos e fazemos o que fazemos — simplesmente. A magia acontece nas pequenas e inesperadas fissuras, nas grandes sensações de momentos discretos, minúsculas quebras da nossa percepção viciada. Repetição e rotina não são um problema, e definitivamente não são o problema. Toda concentração traduzida em movimento é bela, e o que nos mata é a falta de atenção.

Dias Perfeitos não ganhou o Oscar a que concorreu, mas ao menos uma certeza carregamos: importar-se com premiações não é lá uma vida bem vivida. Lembremos uma anedota de Thomas Bernhard, em *Meus Prêmios*, ao ganhar o Prêmio Grillparzer, uma das maiores honrarias do sistema literário austríaco:

“Agora, estavam todos de pé no salão, comprimindo-se em direção ao palco e, é claro, também da ministra e do presidente Hunger, que conversava com ela. Desconcertado e sem saber o que fazer, eu me postara com minha tia logo ali ao lado, e ouvíamos o falatório cada vez mais agitado das cerca de mil pessoas presentes. Passado algum tempo, a ministra olhou em torno e, numa voz de inimitáveis arrogância e estupidez, perguntou: *Mas cadê o escritorzinho?* Eu estava bem ao lado dela, mas não ousei me identificar. Puxei minha tia e saímos dali. Sem que ninguém nos impedisse ou mesmo nos dispensasse a menor atenção, deixamos a Academia de Ciências por volta da uma da tarde. Lá fora, amigos nos aguardavam.”

De banheiro em banheiro, seguimos.
Uma boa leitura a todos.

APOIADORES



FLESCHE'S NOTES
Costurando cadernos • Realizando sonhos



ADVOCACIA



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria ser garantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

Zeh Gustavo

ESSA CHUVA, MAIOR QUE NÓS: o naufrago pede desculpas... e se afoga

Uma sombra
chega,
senta,
segura-me do braço.

“Escuta.” Escuto. “A lua existe”.

Segunda, terça, quarta, quinta, sexta-feira:
“Existe a lua, existe”.
E sábado e domingo:
“Existe a lua, existe.”

Antônio Fraga, Moinho e

Esta chuva não remete às águas de março, que não fecham mais o verão, porque do verão restarão desertos pipocando, aqui e acolá! (Voltarei às *pipocas* – à vida, à morte!) A água desceu foi do “Naufrágio” de Camila Ferrazzano: “as calhas despencaram / mágoa na casa toda”.

Tampouco falo de mágoas e sim de fato poético: há roupa (ora encharcada, um dia seca, noutro rota, também dizem — se rasga, toda — num dia há um farrapo; noutro, fantasia). Há roupa. Para toda uma existência: “essa chuva é maior que nós”.

★

Essa chuva, essa lua, na cidade escusa... Há um *maior que nós*, vê? Que quem não cuida assume o risco de contrair uma idiotia latente, que porventura se mantenha ali, à espreita, mesmo após um doutorado em Harvard ou um samba ganho no Salgueiro. E que é capaz manifestar-se em uma abjeta condição, que é a de alguém não se tocar da própria precariedade (e sua potência). Tá ligado? O *maior que nós* não está aqui de bobeira!

Ou você pensa que patriotários de caminhão que rezam pra pneu, burros ilustrados citadores de livro de autoajuda como se fosse Verissimo ou Clarice, influencers em geral surgiram assim do nada?

★

Também não estão de bobeira as galerinhas da Tovi — primeira torcida organizada declaradamente franciscana e antidinizista; e da Comissão do Orçamento Participativo da Invasão Extraterrestre — cujo mandato já começa eivado de malfeitos que vão além da disseminação proselitista da tese do monodimensionalismo ocupacional. Mas sigamos, prescreveu o Bolívar Escobar, a “transfigurar a estranheza” – quiçá o maior legado que um escrevente possa deixar aos seus *não* leitores.

★

Meus protestos ao conto do Fiorot: onde vamos parar? E se a moda pega? Investigar a ficha corrida de móveis e eletrodomésticos para se averiguar se um dia já foram gente, como parece insinuar, irresponsavelmente, o bardo escriba: vai ajudar o Fluminense a ser campeão, como dizia o filósofo (e eterno terceiro goleiro aposentado) Ricardo Berna? O que ele quer? Que *coach* também seja reconhecido como gente, ainda que num passado remoto?

★

A *pipoca*, na mitologia cristã, é associada, no seu modo estouro, à ressurreição do imenso Jesus, o de Nazaré, aquele mesmo — imigrante preto, comunista da Galileia, produtor artesanal de vinho. O precioso salgado obtido de sal, gordura e milho bole com vida e morte. Pros da curimba: o banho de pipocas é ritual de cura perante Obaluaê — também orixá da doença. A vida é CPX, pois. Paulinho da Viola, Portela-raiz, futuro orixá, quando compôs samba para a coirmã Mangueira, já o sabia: “que a vida não é só isso que se vê, é um pouco mais”.

★

Conhece-o, quão bem, a Rosana Batista Almeida: “A poeira ficou antes de nossos olhos nascerem, / das pernas apontarem nas ruas de computador.” E ela arremata: “A pele vive.”

★

Alguém tem, aí, ciência de quando sai o edital para livros de ficção e poesia censurados, para serem, ordinariamente, lidos? A censura é a nova crítica! E carece ser assumida como política pública! Adeus resenha, matéria em jornal... Mané premiozinho! E não reclame: a nova ordem das coisas facilita a vida de todo mundo — principalmente a do coitado do Algoritmo, que não aguenta mais tal de *teixtaum* e tem na treta sua unidade linguística — e de negócios.

★

Por estilo, e por isso tudo que dissemos — o acrobata cai, o naufrago se afoga. O nome disso é literatura.



Na dúvida, é melhor não mentir

Em seu romance de estreia, escritor aborda questões contundentes como prostituição infantil e *fake news*.

“A mentira é o único privilégio do homem sobre todos os outros animais”, sentencia Dostoievski em sua obra-prima *Crime e Castigo*.

Partindo dessa premissa, o escritor Luiz Gustavo de Sá apresenta seu novo livro, o romance **Na dúvida, é melhor não mentir**, que está saindo pela editora **Penalux**.

O livro é protagonizado por Ricardo Galego, um jornalista desempregado que vem levando uma vida niilista e sem maiores pretensões, até que a inesperada gravidez de sua namorada surge para sacudi-lo do seu torpor. A exemplo de Bentinho, personagem machadiano do romance *Dom Casimiro*, Ricardo também tem dúvidas sobre a paternidade do filho que sua companheira espera.

Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo. Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de “verdade” e “mentira”. “Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático”, diz Gustavo.

Na dúvida, é melhor não mentir

Luiz Gustavo de Sá

R\$ 45 (174 p., Penalux, 2023).

editorapenalux.com.br/loja/na-duvida-e-melhor-nao-mentir

Maiakóvski: traduzir e encarnar

Três universos forjaram a vida de Maiakóvski: as artes plásticas, a poesia e a política. Por influência da irmã Liudmila, desenhava com habilidade desde cedo. Antes mesmo de ler, já sabia poemas de cor. Aos doze anos, saudou como festa a chegada da primeira revolução russa, em 1905.

Quando a família de Maiakóvski se mudou para Moscou em 1906, após a repentina morte do pai, a família, para sobreviver, teve de alugar quartos da casa a estudantes. Maiakóvski acompanhava as reuniões clandestinas e chegou a memorizar páginas inteiras de *O Capital*, de Marx.

A militância política o levou algumas vezes à prisão. No cárcere, não só leu a poesia clássica russa com afinco como decidiu obter uma formação para melhor servir aos ideais da revolução. Não à toa, escolheu a Escola de Pintura, Escultura e Arquitetura de Moscou. Foi lá que Maiakóvski conheceu seu primeiro mestre, David Burluk, fundador do Futurismo. Por meio dele, Maiakóvski tomou contato com o que havia de melhor na poesia mundial da época.

Um dos autores que mais influenciou o jovem Maiakóvski foi o norte-americano Walt Whitman, que Maiakóvski leu nas traduções russas de Kornei Tchukóvski. Mesmo sem saber inglês, Maiakóvski, na primeira conversa que teve em 1913 com o tradutor, repreendeu-o por um equívoco na tradução de “Poem of Wonder at the Resurrection of the Wheat”. Mais precisamente no verso: *I will not touch my flesh to the earth, as to other/ flesh, to renew me*.

Em russo, existe “plot”, (“carne”), mas é uma palavra muito ligada à religião, significando o corpo em oposição ao espírito, algo que em nosso idioma encontra melhor equivalência no adjetivo “carnal”. Em russo, temos “myaso”, termo desprovido de qualquer significação religiosa, usado para designar a parte do corpo dos homens e dos animais. “Aqui não é pra ser ‘plot’, mas ‘myaso’”, disse Maiakóvski.

Em suas memórias, Tchukóvski registrou: “Aquilo me impressionou muito. No original realmente era dito ‘carne’ (myaso). Sem saber inglês, Maiakóvski decifrou o poema com tanta convicção e falou sobre ele com uma certeza tão firme, como se ele próprio fosse o autor daqueles versos”

Foi com o mesmo ideal que editamos este livro. Como se a tradução fosse uma forma de encarnar-se.



Maiakóvsky

Nota e tradução de Astier Basílio

Poema integrante de Eu + todos os poemas anteriores, Arribaça Editora, 2024.

Algumas palavras a respeito de mim mesmo

Eu amo ver como as crianças morrem.
Vocês perceberam o semieixo da ressaca do riso que se dobra
atrás da tromba da saudade?
Mas eu,
no salão de leitura das ruas,
folheava o tomo dos caixões com tanta assiduidade.
A madrugada
beliscou com os dedos molhados da chuva
a mim
e a uma esquecida cerca
e com os pingos do temporal nas carecas cúpulas
pulou uma amalucada igreja.
Estou vendo Cristo correndo do ícone
a borda aventuada da túnica
beijou, chorando, o lamaçal
jogo gritos no tijolo
e na inchada polpa do céu transfixo
as palavras frenéticas de um punhal.
“Sol
Pai meu
ao menos te apiedes e não atormentes!
É por ti que me derramado sangue jorra pela estrada
ao longe.
Está é a minha alma
em dilacerados tufos de temporais
no chamuscado céu
na enferrujada cruz do campanário!
Tempo!
Embora que tu, santeiro de trambolhos,
minha cara reproduza desleixadamente
no da deusa da aberração da era!
Eu fico sozinho, como o último olho
de quem vai embora com uma pessoa cega!”

Paula Giannini

Ponche de maçã

Descubra uma jornada incrível de sobrevivência e reflexão em *Ensaio para minha morte*. Neste livro corajoso e inspirador, o autor compartilha sua incrível jornada por meio de tragédias, traumas e desafios assustadores. Desde encontros próximos com a morte até enfrentamentos com ameaças violentas, ele nos leva em uma emocionante cronologia de eventos que poderiam ter sido fatais, mas que ele superou com determinação e sorte.

Após ler estas páginas cativantes, você se encontrará refletindo sobre sua própria jornada e perceberá que, apesar dos desafios que enfrentamos, sempre há espaço para gratidão e reconhecimento pela vida. Enquanto muitos podem se sentir sortudos por não terem passado por situações semelhantes, o autor nos lembra que cada desafio superado é uma vitória e uma oportunidade para crescer.



Ingredientes:

Comprar 1 litro de cidra espumante para o ponche, que a Maria adora.
2 litros de guaraná.
1 cacho de uvas.
E maçãs 5. 3, grandes para cortar em cubos de gelo a gosto

Comprar uma agenda nova que a velha desapareceu.
E flores para Maria. Amarelas, suas preferidas.
Comprar fita ~~vermelha~~ para um laço bem bonito. Dourada.
E lentilha. Hoje é ano novo e na televisão disseram que isso dá sorte.
Passar na feira.
Trazer frutas.
~~Bananas.~~ Maçãs.
E uvas para a Maria, que ela adora.
Comprar ração para o gato. E perguntar para o porteiro se alguém o viu. Não passou a noite em casa. Ou seriam duas?
Ligar para o Doutor Simão.
Trocar o remédio?
Comprar uma agenda nova.
Perguntar para a Maria se ela viu o gato.
Comprar forminhas de gelo, que as antigas racharam.
E um jarro para as flores. De vidro.
Maçã. E uvas.
E passas, ~~para a lentilha~~ para o arroz.
Chamar o seu Adeilton para consertar a pia. Ela pinga. A do banheiro.
Lavar as roupas brancas. Hoje é ano novo. Ou será amanhã?
Comprar uma agenda.
~~E cigarro.~~ Não fumo mais. Quem fumava era a Maria.
Retirar o lixo, está fedendo.
Comprar aquela coisa que perfuma a casa.
Desodorante.
Sabão em pó.
Chamar o seu Adelino para consertar a pia. E a máquina de lavar.
Comprar lentinha, que semana que vem é ano que vem.
Comprar cueca branca.
E uva passa para o arroz.
Perguntar para a Maria... Mas o que era mesmo? Depois eu lembro.
Comprar caneta, que essa aqui está falhando.
~~E Gillette.~~ Ir ao barbeiro.
Comprar flores, girassóis, para o gato e trazer ração, para a Maria.
Comprar uma poncheira. Não sei o que é, para misturar todos os ingredientes e servir bem gelado. Na televisão falou que fica uma delícia. A Maria vai gostar.
Ligar para o Doutor.
O remédio acabou.
Trocar de médico?
Quem é mesmo o Doutor Simão?
Comprar ~~espumante~~ cidra para o Natal.
E pedir para o seu Antenininho para carregar as compras.
Dar uma caixinha para os porteiros. De fósforo serve? Perguntar para a Maria, talvez um tupperware. Não sei se é assim que se escreve.
Trocar a lâmpada da geladeira.
Está fedendo.
Comprar ... Esqueci o que era. No mercado eu lembro.
Trazer agenda. A outra rachou.
E flores, que sumiram.
Perguntar ao seu ~~Antero~~ Aldeilton se ele viu a Maria. Não passou a noite em casa. Ou seria o mês?
Mês que vem é ano novo.
Comprar vela para acender na praia. A Maria gosta.
E flor, com laço e vaso.
Lavar a camisa preta, que a Maria acha elegante e ~~hoje~~ mês que vem é ano novo.
Comprar pasta de dente.
Estou fedendo.
Achar o telefone do médico. E procurar a sacola, que é onde está a carteira, que é onde está o telefone. Anotado atrás do cartão. Mas que cartão?
Procurar o gato.
Regar a flor.
~~E interfonar ao porteiro.~~ Reclamar com o síndico. Faz duas horas que os vizinhos não param de fazer barulho. Parecem foguetes. Os jovens de hoje brigam muito.
Procurar o aparelho de audição.
Ligar para o porteiro.
Comprar sete uvas. Na televisão disseram que dá sorte.
Agenda.
Arroz.
Passa.
Ração.
Flor.
Procurar a máquina de fotografia. Os fogos esse ano estão lindos. A Maria ia gostar.
Pedir ao porteiro para chamar um táxi.
Procurar a chave.
O gato.
Maria.
A planta.
A flor.
Fazer a barba.
~~E vestir branco.~~ Preto. Nunca mais será ano novo em minha vida.
Apagar as luzes. E os fogos.
Achar um lenço.
E meias limpas. Está tudo fedendo.
Chamar um táxi.
E levar fósforos, no bolso da camisa ~~para os fogos~~ para as velas.
Levar as flores.
E o ponche. Em uma poncheira.
E o lenço. Pois não vou chorar.
Vou passar o ano novo com Maria.
No cemitério.
E uma flor.
Amarela.
Como ela amava.
E o ano novo nunca virá.

*você tem
um livro de poesia?*

*nós temos
seus leitores*

*envie um email para
contato@faziapoesia.com.br
e inclua sua obra nos canais do portal Fazia Poesia*

Minha opinião mais sincera sobre a espécie humana (ou Razão e Sensibilidade)

Jaine Oster, especial para o RelevO

Tolos são aqueles que esperam grandes conclusões de grandes eventos. Assim como o fim do mundo, a epifania, essa palavra tão gasta, não vem de uma explosão, mas de um lamúrio – ou mesmo um bocejo.

Eu aguardava na fila do cinema quando tive minha primeira contração. Sofro contrações como as grávidas saudáveis, embora as delas componham o processo de gerar a vida, ao passo que as minhas derivam do autocontrole de não exterminá-la. Ao contrário do útero alheio, meu esôfago carrega apenas morte.

Pois bem, tive minha primeira contração da noite na fila de entrada para o cinema. Era a fila do ingresso; rapidamente, as pessoas avançaram rumo à sala, seus tickets para *Duna: parte dois* (felizmente não estilizado como *2una*) validados por dois funcionários educados e desinteressados o suficiente para não averiguar nenhuma carteira de estudante.

O que me acometeu foi a visão de um homem que segurava um largo copo de refrigerante na mão esquerda e o celular, provavelmente com o ingresso digital, na mão direita. Entre o braço esquerdo e a barriga fixava-se um balde de pipoca de aproximadamente 20 cm de altura, quem sabe uns 30 cm de diâmetro, seguro na saliência abdominal.

Sem poder usar as mãos – e, aparentemente, sem poder esperar dois minutos para usufruir de sua refeição fresca –, ele buscava as pipocas diretamente com a boca. Como um sapo-pomba (sem uma grande língua e sem conseguir voar), o homem arriava a própria cabeça em direção ao balde, colando unidade por unidade do alimento em seu órgão bucal. Então levantava a cabeça e repetia o processo.

Uma pipoca.

Duas pipocas.

Três pipocas.

E de novo e de novo. Quanto mais ele repetia, mais eu olhava, como se diante de uma esfinge. Se pudessemos escutá-los, os milhos estourados lamentariam o destino de terminar assim.

Não conseguia me desprender da ojeriza absoluta da cena e de sua conclusão óbvia: a humanidade foi um erro. Ou parte da humanidade foi um erro. Ou existem criaturas que, a despeito de sua eficiência biológica, são inquestionavelmente inferiores. Não posso pertencer à mesma espécie do sapo-pomba. Não é justo. Posso ser uma mula, mas nunca o sapo-pomba (ou sapomba).

O *nojo* (ou asco ou repulsa) é uma de nossas sensações mais puras. É instintiva. Óbvio, passa por inúmeras influências sociais – deve haver povos que não têm nojo de barata, da mesma forma que, na rota contrária, passamos a sentir nojo de ratos depois de enxergá-los como transmissores de doenças. Um escorpião desperta menos medo quando fritadinho, mas incomoda consideravelmente quem não o considera um nutriente comum em sua dieta. Porém, conhecemos algumas características evolutivas que tendem a nos despertar respostas negativas [buracos, peçonha, patas, cobras, pelos etc.], o que até gera consequências paralelas, como a tripofobia. Ademais, esse intermédio racional é rápido, e o que fica é a repulsa súbita, veloz e indesejada como um raio num campo aberto de futebol.

Estamos falando, afinal, do verdadeiro contrário da *beleza*. Não a feiura, que podemos argumentar como ausência de beleza. E sim o nojo, que produz a mesma descarga instantânea do encantamento, mas no polo invertido. Feiura não te deruba, beleza e repulsa sim.

E a repulsa não me abandonaria na fila do cinema, pois ainda havia três horas de convívio social pela frente. Um ambiente difícil, o cinema. Algo tão belo, tão capaz de proporcionar sensações fortes em alta definição e altos decibéis, porém contaminado pela falta de sensibilização em níveis diversos. Eu amo e odeio o cinema — minha segunda contração chegou.

Atrás de mim, antes do início de *Duna 2*, um elemento do grupo de jovens adultos ou adolescentes tardios – e, de todo modo, barulhentos – abria um enorme saco de Cheetos. Aparentemente, a geração Z também faz muito barulho (nas horas erradas, tendo em vista a notória dificuldade em pronunciar sílabas inteiras), mas não serei um velho tão caricato a ponto de entrar nesse beco.

O fato de o ser humano comer Cheetos seria por si só um excelente argumento de extermínio num eventual conselho deliberativo intergaláctico. Levá-lo a um ambiente fechado, então, denota dois graves problemas de sensibilização [isto é, já desconsiderando o mau gosto]. O primeiro, óbvio, relaciona-se ao cheiro. O segundo, a depender da mão de chumbo do usuário, diz respeito ao barulho. Abrir e usar o asqueroso saco plástico gera ruídos capazes de aniquilar a imersão alheia, e realmente não consigo compreender como é comum as pessoas não escutarem os próprios ruídos.

Não por acaso, sacolas e embalagens plásticas deveriam ser proibidas de cinemas, porque nós, os seres humanos, a despeito do mérito técnico de tê-las desenvolvido, não sabemos usá-las — o que, aliás, parece o eterno paradoxo da tecnologia. Por isso que não existe nada eletrônico em *Duna 2*. Eles aprenderam isso ao longo de 20 mil anos de desenvolvimento: ninguém equilibra baldes de pipoca em protuberâncias. Não há tomada em Arrakis (nem Cheetos), e olha como eles são felizes. Sei lá, o filme não começou ainda.

Minha orelha esquerda, essa maldição sensível, captura um diálogo em inglês ao meu lado. Um homem e uma mulher, mas não um casal (ainda). Minha atenção logo relaxa com a informação diferente (*gringos???*), pois trata-se apenas de duas pessoas que usam muitas frases em inglês. Muitas. Principalmente ele, sentado ao meu lado esquerdo. Aparentemente, sua identidade constituía em falar inglês o tempo todo, como um Supla gordo. Nada que me levasse a uma contração – apenas desprezo, algo muito mais fraco (pois racional) que a repulsa. A contração viria logo depois. *My bad*.

O Supla gordo sim dispunha de mãos de chumbo, violentando o saco de pipoca como as ondas de Poseidon ao descobrir que uma amante mortal o traía. A essa altura, a falta de sensibilidade incomodava, mas não enjoava. Até ouvir o mastigar do colega. Minha terceira contração. O Suplinha não mastigava, ele triturava. Muito mais que Michael Jackson em ‘Thriller’, sem saber que morreria como *gif*. Não sei *como* é possível emitir tanto barulho apenas com os dentes, no entanto ele o fazia — e, claro, não é o primeiro, e não é o primeiro a me incomodar, e não é o primeiro a me gerar uma contração de nojo [e, claro, talvez – provavelmente – o problema seja eu]. Isso só acontece no cinema, esse contraste de tensões entre o silêncio da imersão e o barulho dos imbecis.

[Aqui, duas observações paralelas:

1. Nada disso diz respeito a quê, mas a como. É perfeitamente possível comer um churrasco inteiro, duas pizzas, seis latas de Red Bull e oito barras de Milka sem incomodar ninguém. É questão de timing. É saber fazê-lo durante o barulho do filme, é monitorar os próprios movimentos. Nada muito difícil. Enfim, justamente, sensibilidade.

2. É tão difícil assim assistir a um filme inteiro sem ingerir mais que um alimento? Estamos realmente tão condicionados a associar a tela com pipoca + chocolate + minhocas cítricas (por Deus...) + refrigerantes?]

Suplinha e sua acompanhante ainda me gerariam um desconforto adicional devido às risadas esfuziantes com que regiam, desacompanhados, a momentos definitivamente não humorísticos do filme. Talvez uma consequência da Marvelização do cinema em cérebros já batidos como purê. Talvez alguma fásca de tensão sexual entre eles. Talvez apenas bobos de criação. A essa altura eu já me sentava torto para não ouvi-los e precisava me afastar do braço da cadeira, obviamente ocupado pelo Supla gordo, que – quem diria – não teria noção (sensibilidade) espacial.

Mas a essa altura, também, eu me distraía com a garota à minha frente. Ela e o namorado cada qual se alimentavam com um balde de pipoca. De forma semelhante à do sapo-pomba – mas ainda menos patética –, ela chacoalhava aquele poço em busca de mais e mais pipocas, bebendo como um cálice a gigantesca circunferência salgada de papel, entre decibéis e decibéis de *schickshickshick* de milhos dançantes. Outra contração. Em

algum momento (depois de muito tempo), acabou, deixando-me apenas com a inferência de que minha vontade de cometer assassinatos não deriva de nenhuma característica física ou visual, mas da demonstração desavergonhada de ser *glutão*. Quem sabe isso ataque algum instinto ancestral que precisava matar toda e qualquer comida, antes mesmo de aprender a plantar.

O que me trouxe de volta ao animal ao meu lado, que suspirava de forma pesada. A cada cinco minutos, talvez mais, talvez menos, Suplinha gordo bufava como se chegasse em casa depois de um dia de muito trabalho ou acordasse de uma apneia noturna após o ônibus balançar. O ar que ele expirava pelo nariz atingia meu braço, tamanha a força (ou falta de sensibilidade) de seu diafragma nojento, seus pulmões asquerosos e sua caixa torácica inútil. A sensação de receber o composto de oxigênio e dióxido de carbono dele me arrepiava de desgosto – o que reforça como o instinto da repulsa passa por um filtro racional, mesmo que rápido, uma vez que, intrinsecamente, sentir a expiração alheia, embora não pareça atrativo, ao menos não desperta ojeriza. Mais que vivo, o escorpião caminhava sobre mim.

Tirei meu braço dali (não podia arrancá-lo) e segurei minhas contrações, questionando o fato de eu, o sapo-pomba, o imbecil do Cheetos, a bebedora do balde, o Supla gordo e sua amiga abobalhada pertencermos todos à mesma espécie, e, mais que isso, estarmos no mesmo lugar, na mesma hora e, principalmente, gostarmos do mesmo filme. O universo é realmente fascinante, a despeito de a humanidade em momento algum ter valido a pena.



Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance “A boa lição” (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

The Palomitos' Incident

Voz & violão? Seita? Acerto de contas? Novo projeto da Netflix? A reportagem do Relevo foi investigar o novo fenômeno que ameaça devastar a sociedade brasileira—ou virar outro desses podcasts intermináveis.



Começou em Piraquara-PR com uma estranha condição da Imobiliária Fontes na renovação do contrato de um apartamento de 40 metros quadrados: uma apresentação mensal obrigatória do trio Los Palomitos na casa do inquilino Rogério Cardoso.

Marido de poucas vontades extracônjugais e admirador da estabilidade desde o dia em que seu ex-melhor amigo confessou ter um caso com a sua antiga melhor namorada, Rogério Cardoso, mais conhecido como Toletinho, resolveu consultar a jovem esposa, cada vez mais atribulada com a manutenção da casa. O quarentão, encarregado de produção em uma fábrica de móveis, passara a trabalhar duas vezes por semana à noite e a reclamar constantemente de cansaço e de perseguição de seu chefe de setor. “Um... Equivocado, pra não dizer coisa pior”, confessou à nossa repórter, que, infelizmente, não ouviu, pois estava de *headphone* cantarolando

‘A casa é sua’, de Arnaldo Antunes, para “se inspirar para a matéria”.

Suzana, a esposa, formada em Letras e temporariamente desempregada há sete anos, até via a exigência contratual do trio Los Palomitos como uma oportunidade. Seria uma boa chance para os dois relaxarem um pouco e se divertirem sem sair de casa, sobretudo sem gastar, apesar de saber que “músico geralmente é porco, imundo e não consegue mijar dentro da privada”. Algum gasto extra com limpeza acabaria acontecendo. Em casal, verificaram que não havia menção de *couvert* no contrato, mas não deixaram de se incomodar um pouco com a condição do inciso 3, isto é, de não ter papel de parede vermelho na casa, com a palavra EXPRESSAMENTE grafada em bold, caixa-alta e, curiosamente, vermelho. Preferiram não gerar problema e preencher o campo com a opção “Não se aplica”.

A princípio, Cardoso, sujeito de tendências geralmente pacíficas, mas

também reconhecido por brigar por cartas, trapacear um pouco no jogo War e não usar banheiro fora de casa, achou um disparate receber em seu lar um trio de músicos como condição para manter o aluguel na faixa dos R\$ 1.200 — se pago (mas não pagado) com antecedência. E, afinal, quem eram os músicos do Los Palomitos “para entrarem, assim, em nossa casa? Teríamos que fazer janta? E o barulho que certamente atingiria os vizinhos?” Perguntas que o compassivo Cardoso não fez, ao menos não em voz alta, mas a nossa repórter, agora ouvindo ‘Casa no Campo’, de Zé Rodrix, sentiu “no olhar de soslaio dele”. Consultada, a Imobiliária Fontes apenas informou que “em breve, o senhor receberá mais instruções” por meio de respostas automáticas no WhatsApp.

Cardoso, o pobre Toletinho, já se via acostumado com as extravagâncias da Imobiliária Fontes, de propriedade de um senhor calvo e com sudorese conhecido como... Almeida. No ano anterior, Almeida havia obrigado todo inquilino de sua rede com cinco filiais em Curitiba e Região Metropolitana a ter uma barra de pole dance na sala “para pagar uma promessa”; dois anos antes, instalara sinos dos ventos em todas as portarias remotas depois de voltar de uma viagem ao Vietnã, “outra promessa”. Cardoso, porém, não deixou de questionar, sempre por WhatsApp, qual seria o gênero musical do Los Palomitos, recebendo como devolutiva um jocoso, porém humanizado “não interferimos na *playlist* dos músicos”.

Em conversa com um dos colegas de setor, morador do bairro Uberaba, Toletinho ficou sabendo que a Fontes havia definido que todo banheiro de casa geminada da Imobiliária, a partir de 2023, teria de manter um cajón, instrumento — que achamos ser de origem espanhola, mas não pesquisamos (o **Relevo** acredita na espontaneidade e no conhecimento puro, mesmo que impreciso) — muito utilizado como suporte de revistas de moda e gibis e por músicos emergidos depois da quarta cerveja.

ACAPUL'CONNECTION

Contrato renovado, logo veio a confirmação pelo... Bem, vocês já sabem por onde. A primeira apresentação seria uns dias depois, na quarta-feira, 20h. Cardoso abriu a escala. Não trabalharia naquela noite. “Pedimos encarecidamente que não convidem nenhum parente ou amigo para acompanhar a apresentação de caráter privado. A falta de algum membro do casal acarretará em *[sic]* imediato despejo. Não é admitido o pedido de bis”, leu Cardoso, ainda mais intrigado com o tom do atendimento, especialmente por não lembrar de tal cláusula de despejo no arquivo .doc formatado via Office 97 e compartilhado pela Imobiliária.

Chegou a quarta-feira. Aqui, vivemos um ponto de inflexão, pois o relato da apresentação que você, leitor, você, leitora, tanto esperava... ele não virá.

A comunicação com o casal Cardoso-Suzana começou a ficar complicada já na quarta à tarde (é importante destacar que a estagiária tentou emplacar “Sudoso”; o fotógrafo, “Cazana”; ambas as ideias foram barradas porque o **Relevo**, um veículo sério, tem poucos leitores de 15 anos e não se atém a essas palermices). Respostas antes velozes e articuladas, muitas vezes com dois ou mais áudios que o necessário, secaram subitamente. Agora havia algo de semelhante entre a linguagem do casal e o *chatbot* da Imobiliária Fontes.

Instigados, soubemos que os inquilinos têm de assinar um contrato em que não podem nos contar qualquer detalhe sobre a apresentação do Los Palomitos. Porém, a reportagem — agora mais animada do que nunca, a jovem repórter finalmente prestando atenção em algo além de seus Pokémon, Tamagotchi ou cigarro eletrônico — descobriu coisa ou outra, como o uso de isqueiros com chama verde e o sumiço de mantimentos da geladeira, principalmente queijos, sem falar da reclamação dos vizinhos. Destacamos Astolfo Bohn, 94, morador do Green

Village Piraquara e usuário de diversos tipos de verdinhas. O aposentado, simpaticante do Juventude e do Hertha Berlin, alega que eram cerca de 21h quando começou a ouvir uns gemidos, que foram subindo de frequência. “Mas aí percebi que era o meu estômago mesmo, exagerei na batata. Se minha Lucinda ainda fosse viva, isso...” blá blá blá etc.

O que teria acontecido no apartamento de Suzana e Cardoso diante de (ou para, ou por, ou contra) Los Palomitos?

BLUE THURSDAY

Na quinta-feira, retomamos o contato. Cardoso e Suzana receberam nossas mensagens, sem resposta imediata. Cardoso reapareceu após o almoço. Só sabia – ou podia – dizer que a *experiência* foi intensa. A bem da verdade, Cardoso não se considerava um sujeito opinativo, capaz de concordar e discordar com veemência sobre qualquer tema. De manhã, se considerava mais liberal; de noite, mais conservador – ou menos conversador, não sabia distinguir. A essa altura já lamentávamos que uma pauta surpreendente e com desfecho misterioso pudesse cair no colo de alguém tão bem representado pela gôndola da loja de departamento com camisetas de super-heróis, Homer Simpson e Foo Fighters. Para a reportagem, depois de muito esforço, Cardoso descreveu que o Los Palomitos poderia ser definido como “étnico”, mais especificamente “um branco vocalista com pandeiro, um pardo no violão e um feio alternando entre o baixo e o chocalho”. Então reforçamos a tentativa de contato com Suzana, já fazendo o possível para descartar este grande bananão — e ficamos surpresos.

Suzana estava estupefata. Ela se mostrava completamente catatônica ou, na descrição do síndico, “tava achando aquilo tudo um tesão”. Não nos respondia diretamente: não sabíamos se por conta da cláusula de sigilo ou de seu estado de choque. Enquanto isso, Cardoso gritava do banheiro de casa para informar que o Los Palomitos tinha tocado no refeitório da empresa na quinta-feira para mais de 80 funcionários. Uma estranha coincidência. No sábado à tarde, agora por outra fonte – pois bloqueamos Cardoso no WhatsApp apenas para não ver mais sua foto sacal em seu rosto inofensivo, muito menos ouvir sua voz rançosa –, ficamos cientes de que o trio também havia se

apresentado na Cancha do Gaúcho, espaço poliesportivo com poucas goteiras e que nunca recebera música ao vivo em seus mais de 20 anos de serviços prestados à fisioterapia.

Suzana não só notara essa série de atividades, mas também se impressionara com a agitação do condomínio num domingo à noite, todos os andares com luzes ligadas e música ao vivo depois do horário permitido. Ao ligar para o síndico em busca de informações sobre uma chave reserva – pois Cardoso, a toupeira, saíra para comprar chá de bolhas e deixara a esposa trancada em casa –, soube que o síndico estava em um show privativo. No Fantástico, o Festival LollaPalooza acabava de anunciar Los Palomitos em seu *line-up*. Não havia nenhuma informação na internet. Suzana passou a questionar sua sanidade (o que aparentemente nunca lhe ocorreu no cartório).

A segunda-feira chegou e, depois de quatro décadas de pau-molice, Cardoso, que trocara de chip para nos importunar, sentia-se exausto o suficiente para avisar seus superiores. O Trio Palomito era a única explicação possível para a sua fadiga, tendo em vista a nulidade de eventos marcantes em sua semana, ou mesmo em sua vida, cujos pontos mais altos se passaram em frente à TV, assistindo partidas de futebol americano. Cardoso começou a tentar ligar pontos. O que o Trio havia tocado mesmo? Não havia uma canção do Paralamas, aquela que sempre lhe irritara? Biquini Cavado? Como sua libido, sua memória perdera força. “Mas... eu lembrava de tudo até ontem — o show não foi ontem?”; “Eles tocaram lá em casa e aqui no trabalho?”.

Mais atento que o normal, Cardoso passou a notar que colegas distantes, até de outros setores, aparentavam o mesmo cansaço, as mesmas olheiras, o mesmo semblante de quem discutiria com um funcionário público de óculos e crachá por uma pintura de meio-fio. Não eram todos inquilinos da Imobiliária Fontes? Ele se lembrava dessa conversa nos intervalos de trabalho, principalmente nas animadas sextas-feiras, quando a empresa caprichava mais e oferecia margarina e apresuntado junto do sempre incinerado café. No fim da tarde, o RH chamou o setor de Toletinho para uma inesperada substituição de crachás. No lugar da sofrível foto individual, passava a consertar um adesivo da capa do primeiro

álbum do Los Palomitos, produzido com recursos de lei de incentivo fiscal. O jornal-mural da firma, afixado em todas as portas e janelas, afirmava que era a primeira vez na história que uma loja de móveis seminovos patrocinava um grupo de *world music*. “O que está acontecendo: eles tocaram na minha casa na quarta, aqui na quinta, e agora isso?”, indagou Cardoso. “Do que você tá falando, Toletinho? Seu sequelado”, respondeu a colega Marcela, sem crachá.

E tinha mais: ainda na segunda-feira, depois do intervalo das 19h, na Rádio Palomitos, antiga Transamérica, “quando isso mudou de nome, porra?” – ele não falou um palavrão, mas entendemos que o faria se tivesse uma personalidade mais viva –, Cardoso ouviu que a Imobiliária Fontes acabara de adquirir o Grupo Lafitte em um negócio que o noticiário classificava como a grande incorporação da década. A Fontes-Lafitte se tornaria a segunda maior empresa do segmento do Sul do Brasil, apenas atrás da Pontes-Grafite, de propriedade do atacante-comentarista Grafite e de um coletivo de admiradores da Ponte Preta. Tudo isso em menos de 15 dias!

Para a nossa repórter, que cantarlava ‘Pais e filhos’ não muito discretamente, “já morei em tanta casa que nem me lembro maissss”, Cardoso confidenciou que Suzana andava estranha, “até um pouco radiante demais” e que havia trocado a senha de bloqueio do celular. Sua música de despertador agora era uma versão de ‘Enter Sandman’, do Los Palomitos, executada com banjo e garrafas pet – a despeito de nossa indisfarçada preferência por Suzana, a essa altura começávamos a compreender como eles se mereciam. Com um problema: tal música não constava em nenhum serviço de *streaming* – seja de áudio, seja de vídeo – do planeta. Também havia indícios claros de que Suzana não havia dormido um minuto desde o evento da semana anterior, seus olhos estalados como os de um quati ao avistar a mochila de um turista. Que despertador?

Obcecada por sua experiência transcendental – sobre a qual ainda não havíamos descoberto rigorosamente nada, o que reforça como jornalismo investigativo dá muito trabalho, e o bom jornalismo de fato exige recursos, por isso não vale muito a pena –, a futura ex-esposa de Cardoso foi a primeira a observar as mudanças

no contrato da imobiliária por conta da incorporação com a Lafitte. Entre a exigência de xilofone de água em cada apartamento e uma implicância gratuita com o termo “locatário” no documento, doravante denominado “colaborador domiciliar” (“parece muito com ‘otário’”, alega uma nota de rodapé), o Los Palomitos passaria a realizar apresentações semanais pela cidade. Suzana poderia acompanhá-los de perto.

Ela logo reconheceu seu entusiasmo. Pedindo sigilo de fonte ou de Fontes – que evidentemente não respeitamos e, para o trocadilho, apenas chutamos essa bola quicando –, a donzela nos confidenciou que nutria simpatia pelo vocalista do trio, que pedia, nas apresentações, para ser chamado apenas de Chaco. Neste momento, nossa repórter mandou um “*shippo* esse casal, o Cardoso é muito lixo”, o que justifica em partes o desrespeito ao sigilo de fonte. De todo modo, Suzana e Cardoso, movidos pela vontade dela, iriam prestigiar Los Palomitos em um local secreto – comunicado apenas a “colaboradores domiciliares” e “inquilovers” da Imobiliária Fontes – já naquela noite. Teria sido fácil segui-los e acabar logo com o mistério, mas o eterno Gol Bola 1994 da redação falhou no momento em que demos partida para executar nossa missão.

Com o carro parado, nada para fazer e a cabeça a mil, consumindo tudo que havia no *cooler* do porta-malas, permanecemos de tocaia – uma bem menos útil, é verdade. Constatamos que o casal voltou para casa às 23h53. Então voltamos para casa de ônibus e, no dia seguinte, retomamos contato com nossos personagens. Novamente, não obtivemos detalhes sobre o evento. No entanto, confirmamos que, após a segunda apresentação – já sob olhar contrariado de Cardoso – Suzana finalmente dormiu e teve sonhos *calientes* com Chaco surgindo de uma fonte e cantando ‘Bésame mucho’. Seguinte ela, a noite só não foi perfeita por conta de um momento estranho. Miminho, o gato de estimação do casal, apertou o controle da TV e, num *link* ao vivo do *Jornal Nacional*, Chaco exprimia, em nome do trio, seu senso de gratidão por ter sido indicado ao Grammy de Melhor Álbum Latino. “Mas a gente estava com ele há meia hora...”. Toletinho alega não ter visto nada disso. Se Suzana fosse dada a áreas de estudo mais contemporâneas, diria

que ficou bolada, mas acabou mesmo foi trocando de canal e colocando o filme *A Fonte* no mudo.

Paralelamente, entre tantas inserções no cotidiano de Piraquara e os novos planos da Imobiliária Fontes-Lafitte, começou a surgir um movimento especulativo discreto nas redes sociais: de onde eram Los Palomitos? Mais de uma pessoa (contamos quatro) alegava ter visto o vocalista Chaco entrando no cemitério municipal de Piraquara com uma túnica vermelha e “o mastrongo pra cima”, nas palavras indelicadas da fogosa Dirce, cabeleireira com mais de 30 anos na arte de esquecer horário agendado de clientes. Outro transeunte, apenas identificado como Morgote, alegou que Chaco, na verdade, era o trombadinha Aleixo Pirassununga, um “doidaço alcoolista que dizia ser o criador da tequila e que ficava berrando aqui na frente de casa ‘eu vou comer a sua filha’. E eu nem filha eu tenho, gurria!”. Houve também quem sugerisse interferência dos Estados Unidos na política interna do Brasil. “Eles estão começando pelo México!”, gritou um senhor que apenas deixamos falando sozinho porque a repórter tinha um fut marcado pra daqui meia hora e estava pendurada no celular, argumentando que não iria jogar no gol.

Foi aí que nos demos conta: havia algo de errado no nosso insucesso. Não pelo insucesso em si, evidentemente, mas pelos meios com que este nos contemplou. Em 30 anos, o Gol Bola nunca nos deixou na mão. Nunca: é o único alicerce confiável da instituição. Como ele poderia ter falhado em uma partida simples num momento tão derradeiro? Abrimos o capô – o que também não havia nos ocorrido, porque acreditamos na resignação como

antídoto à intrepidez do ser humano – e constatamos que um *sombrero* bloqueava o acesso entre uma peça do motor e outra. Quem tem um Gol Bola 1994 não precisa saber nome de peça.

CONSPIRAÇÃO

A essa altura, em outras reportagens de fôlego do **RelevO**, você já sa-



beria a verdade, desvelada como a cortina vermelha de um teatro da vida. Diríamos que o governo está resolvendo ou que apenas o melhor a ser feito é ignorar a realidade e apostar tudo na Bet365 – ou investir no consumo de substâncias ilícitas. Mas seguimos investigando. Em nosso último esforço, observamos indícios de que o Los Palomitos possa ter conexões com a

Agência Brasileira de Inteligência; outros caminhos apontam para ligações com o PCC ou com o PVC — nossa repórter segue desatenta, e inclusive abrimos um novo processo de contratação. Uma corrente, mais desprendida e talvez alienada, alega que o grupo consiste apenas em três músicos solitários de pouco talento que estão há

Uma luz. Em sua última aparição, o cidadão Morgote, que aparecia todo fim de tarde na redação para filar café e agora não responde mais às nossas chamadas, disse misteriosamente que um dos integrantes do Los Palomitos morrera em um posto de combustíveis na Argentina e é agora um fantasma; os outros dois músicos o mantêm vivo pelo ritual do canto. Esta versão nos incomoda, uma vez que Morgote nega ter nos informado que Chaco é um notório beberão, e agora Morgote é visto por aí dirigindo uma bela de uma SUV, esboçando um clareamento dental capaz de iluminar uma praça pública. Abordado em um semáforo fechado pelo editor do periódico e questionado sobre essa súbita mudança de posicionamento, ele apenas respondeu com um misógino “jornalista de mierda, putana”, o que desnordeou nosso editor de cabelo comprido e voz fina, que resguardou-se ao direito de apenas murmurar “nunca mais faço a barba”. Há quem diga que os Palomitos são todos filhos de Marcos Raf, dono da Raf Electronics, famosa pelos aparelhos de karaokê, num grande projeto de dominação continental ainda em fase embrionária.

Enfim, no exato instante em que redigimos este último parágrafo, o portal da *Folha de São Paulo* noticia que a cantora Suzana Palomito é a nova embaixadora da ONU e que Ryan Gosling irá compor uma nova canção com o Los Palomitos para *Barbie 2: Ken Deixou?*. Preocupados, estranhamos: não pagamos a conta de internet há meses; não temos conexão alguma e o vizinho já trocou a senha do WiFi faz dias. O telefone toca. “Aqui é o Celso, da Imobiliária Fontes; chegou a ver o WhatsApp?”.

mais de dez anos com o mesmo repertório, tocando nos mesmos lugares para o mesmo público — a série de shows nos condomínios da Fontes-Lafitte seria apenas um chamariz para a inauguração de algum novo bar.

Afinal, quem são os Palomitos? Como podemos ouvi-los? A Suzana sentou no Chaco?



Sobre a deprimência de tantos anúncios

*Bring us the day they switch off the machines
'Cos men in yellow jackets, putting adverts inside my dreams
An automated song and the whole world gone
Fallen under the spell of the
Distance between us when we communicate*

Se você pensar cuidadosamente, criteriosamente, reconhecerá poucas verdadeiras motivações do ser humano antes de qualquer ação concreta. Para se mexer, um indivíduo muito provavelmente busca (1) conquistar alguém, (2) impedir o sono de um sem-teto ou (3) inserir um anúncio em algum lugar. Quase todo o desenvolvimento do planeta na Idade Contemporânea pode ser explicado a partir dessas três fontes de motivação.¹

Aqueles com pouco mais ou pouco menos de 30 anos tendem a se lembrar da internet com nostalgia. Usávamos essa ferramenta para nos distrair do mundo real, enquanto hoje precisamos do mundo real para escapar da internet. Nesse aspecto, as limitações ajudavam: o fato de você estar obrigatoriamente fechado em algum espaço – isto é, sem internet móvel – configurava uma mudança clara de estado. Ou você estava conectado (e preso a algum espaço físico para, afinal, conseguir estar conectado) ou estava desconectado e, portanto, na vala comum daquilo que chamamos de vida real.

E então esses dois universos começaram a se misturar, para a alegria do nerdão ex-hippie de jeans e gola rolê preta.

Como já é sabido, nascemos tarde demais para explorar o planeta e cedo demais para explorar a galáxia. A única janela mágica de exploração a que tivemos acesso foi a *virtualidade*, a internet como uma passagem lúdica de vivenciar o *outro* (lugar, personalidade, comportamento) e vislumbrar o desconhecido. Acreditávamos – filosófica ou intuitivamente

– que criaríamos [ou estávamos criando] novas estruturas. Enquanto isso, no contrafluxo, as velhas estruturas de mídia acordaram, aprenderam e tomaram conta do nosso espaço mágico.

Ademais, envelhecemos e, pasmem, gente ainda mais velha passou a ocupar (mas, principalmente, estragar) nossos espaços. Hoje, já somos os intrusos de novos espaços, estragando-os para nativos mais jovens que nós.

Ah, sim, os anúncios.



Arthur T. Merrick, 1917.

Sem grandes soluções para o velho problema da rentabilização – e uma vez ocupada a terra de ninguém, quando não havia estruturas para combater pirataria e/ou fazer valer qualquer *copyright* –, a internet se encheu de anúncios.

Hoje, abrir qualquer página nova na internet sem um bloqueador de anúncios é uma tarefa estressante. Um *pop-up*, uma caixa de

cadastro (nosso site também tem!), um anúncio rolando para cima, um *banner* embaixo. Vídeo, *autoplay*, mais *pop-up*. E os aplicativos em geral não são tão diferentes.

Talvez não haja exemplo mais simbólico desse senso de derrota que o da Netflix. Estamos falando de um sucesso da virada digital que desestabilizou até hoje toda a sua indústria. Um ícone de sua era e a vanguarda entre seus concorrentes. A imaterialidade em pleno funcionamento (mesmo que a empresa tenha começado com DVDs). A companhia que arrotou por anos sua superioridade por não depender de anúncios.

E a Netflix adotou os anúncios. Ou seja, copiou o que há de mais tradicional e menos imaginativo na televisão mais arcaica. E, obviamente, deu certo. Obviamente (de novo), seus concorrentes vão todos correr atrás.² Então... é isso. Essa é a solução. Essa é a disrupção entrando na própria bunda. A grande ideia consiste em... anúncios. Eis a depressão.

O problema em questão é muito mais estético que ético, ao menos no que tange aos meus incômodos. Não me perturba a tentativa de me empurrarem um produto ou serviço (e se deveria fazê-lo, mas meu cérebro já definiu na configuração mercadológica da sociedade, é outra discussão). Há propagandas e propagandas; anúncios e anúncios. Já me emocionei com propagandas: de imediato me lembro de uma da Mastercard (!) que envolve Pelé e álbum de figurinhas. É (ou pode ser) uma arte — não adentraremos essa discussão, porque, mais que inútil (nada contra), não é divertida.³

E não há nada novo em expor produtos. Tomemos como exemplo a “Anunciação” (~1564) de **Ticiano**. De acordo com [Sir] John Hegarty, ali já temos uma notória publicidade indireta: o vaso de vidro no canto inferior direito da tela – discreto, sutil, desnecessário – indica aos rivais romanos e florentinos que o vidro veneziano era o melhor entre os produtos.

Outro caso: “Um Bar em Folies-Bergère”, de **Édouard Manet** (1882), com as garrafas da cerveja Bass (também referenciada por Picasso). Puta *product placement*, mãe.



“Un bar aux Folies-Bergère”, Édouard Manet, 1882.

Inclusive, a suposta pureza de intenções é uma das balelas mais superestimadas na história de qualquer arte. Se alguém produziu beleza porque se encantou com o por do sol ou porque vendeu sua visão ao

dono de uma franquia da Cacau Show, o Universo é indiferente.

É sabido o quanto **Dostoiévski** escreveu essencialmente por dinheiro, isto é, por precisar dele (até passamos por isso em nosso texto sobre apostas). *Crime e Castigo* não seria necessariamente um romance melhor em outras condições – é até mais fácil argumentar o oposto. **Toulouse-Lautrec** foi contratado pelo Moulin Rouge (permuta!) para desenhar seus tão copiados cartazes, que se tornaram icônicos do mesmo jeito. Um dos mais belos discos de Tom Jobim foi encomendado pela Odebrecht. É menor por isso? Não. Tanto faz.⁴

Enfim, os anúncios.

Telas favorecem anúncios, e hoje tudo é tela⁵ (o que aconteceu com os táteis, ágeis e intuitivos botões?). Temos telas nas ruas, nos ônibus, nos aviões, nos elevadores. Portanto, temos anúncios em todos esses espaços. Não existe *AdBlock* pessoal, ao menos por enquanto. Fechar-se em qualquer espaço público praticamente presume a companhia de alguma subcelebridade gritando sobre um fundo colorido. Fechar-se em seu próprio mundo, com fones de ouvido, também – ao menos enquanto você não paga. Eficaz ou não, trata-se de um desfecho deprimente.

Um problema essencialmente estético. A distopia não é uma placa de néon, a oferta cansativa de produtos ou a solidão em meio às cores vivas de um arranha-céu reluzente. É tudo isso somado e deformado em seu grau mais pobre: o som constante do celular alheio num ambiente apertado; marcas dialogando entre si como adolescentes; o eterno fluxo de interrupções visuais; a confirmação de que o novo envelheceu mal e, na garupa dele, você também.

¹ Se ou quando o ser humano morar em Marte, será para impedir mendigos de dormir de graça lá. [Ou para inserir anúncios.]

² Modismos de mercado sempre impressionam, embora nunca surpreendam. Já reparou em novos cartões ou máquinas de pagamento atendendo por “rosinha” ou “laranjinha”? Caramba, de onde será que isso saiu?

³ Nota inserida após a publicação: infelizmente, só assistimos a isso aqui depois de dispararmos o texto. A sensação de refrescância (mesmo diante de uma propaganda de banco) deriva da tentativa genuína de pensar e executar algo realmente criativo, não “meme-da-semana” criativo. Óbvio que estamos falando de uma produção, mas esse é um problema de quem controla o orçamento.

Enquanto espectador e possível cliente, é um acerto claro. Tardamente, também nos lembramos deste ótimo exemplo aqui. Quando forma e conteúdo se conectam com um propósito claro, magia acontece — em qualquer contexto.

⁴ Apenas um grande artista é funcional o suficiente para não depender de motivações puras ou algo assim... O capricho absoluto é o desapego. No frígir dos ovos, o que fica é o que foi feito, e não sua motriz.

⁵ E por que tudo é tela? Bom, vale lembrar da regra 3 do início do texto (e, claro, do fato de a tecnologia das telas ter avançado drasticamente em 20 anos – lembra como monitores e TVs eram tenebrosos, pesados e cansativos aos olhos? [Não somos luditas!] –, além de ter ficado muito mais barata). Aqui preferimos a explicação pelo viés da sociologia de boteco e, portanto, afirmamos, sem qualquer base, que se a tecnologia das telas avançou e se elas ficaram mais baratas é tão somente porque houve um esforço maior em fazê-lo justamente pelo fato de telas comportarem anúncios.

Debaixo do oiti é mais noite que em qualquer outro lugar do imenso terreiro aberto para o céu, uma noite esconderijo. Sentado na mancha escura, com as costas fazendo o tronco de espaldar, Venâncio não vê que é noite porque a escuridão que mais pesa ele carrega dentro de si. O tempo está congelado: não passa mais. Sua vida, agora, é apenas uma sensação de peso que transborda, ultrapassando os limites de seu corpo. Às vezes sacode a cabeça e pisca, antes de soltar a fumaça azul do cigarro, que se contorce em espirais e sobe até sumir entre os galhos mais baixos da copa. Seus olhos acompanham vazios a coreografia da fumaça, mas seus olhos estão opacos e não lhe dão notícia nenhuma. À sua frente, no extremo oposto do terreiro, Venâncio vê as largas janelas da sede iluminadas e não entende qual o significado de estarem lá com seu clarão.

E este barulho. Estátua estendida estou nos lençóis pernas e braços imóveis? Eles não param de latir. No meu sonho, vejo espigas maduras e alguém diz que vai chover. Dobro então as pernas e meu joelho sente as costas mornas da Esperança. Maciez. Mas eles não param de latir? Não sei onde anda o cobertor, onde foi parar. Acho que é frio nas pernas e o cobertor, não sei onde anda, onde foi parar. A Esperança se desencosta em fuga incomodada quem sabe com meu joelho e consigo finalmente mover também os braços, que a procuram por cima do lençol. Ela sempre reclama e estes cachorros que eu ocupo o território todo não vão parar de latir?

Agora ela me empurra exigindo um espaço que é seu, me empurra como pode, mas não consegue grande coisa: meu peso pousado na cama.

No quarto ao lado a Ivone resmunga sonhando e a Esperança me cutuca o peito com dedos e unhas, seus dedos de acordar. Nâncio, ela repete me sacudindo a cabeça, Nâncio, ouve, os cachorros, acorda, criatura. Tem alguma coisa aí fora. Meu sonho dilui-se entre latidos irritados que me esfolam os ouvidos e arranham o silêncio da noite.

Isto agora é a Ivone, que acaba de acordar como acorda sempre, com o choro já preparado irrompendo na garganta. Ela sente medo do mundo quando vai entrar nele pisando com seus pés. Foi o latido dos cachorros: seu susto.

Ficamos conversando até tarde esta noite e não consigo parar de dormir, me embrulho em sono, com um pé dentro de meu sonho, umas espigas maduras e alguém me dizendo que vai chover. Espigas loiras de cabeças pensas, seu pescoço fraco. Vai chover. Mesmo assim arranco de meus pigarros a pergunta, o que é isso, mulher? Sinto o cabelo molhado na nuca e minhas pernas querendo encarringar.

Uma tosse encatarrada se prolonga no escuro vindo de fora, pela janela e Esperança me diz que os cachorros, Nâncio, no pomar, como se eu, no meu sonho ou no meu sono.

A Ivone aí ao lado já chora no seu timbre agudo, seus guinchos de animalzinho assustado, querendo espantar os seres que se escondem nas sombras. A Esperança acende a luz e voa da cama, como se fosse um instinto aquele cuidado com a filha, que já começa a se aquietar num choro normal cada vez menos. Me levanto enroscado numa ponta do cobertor que não me sai do meio das pernas e cambaleio até a janela porque uma tosse encatarrada se prolonga no escuro vindo de fora, pela janela e zelador preciso saber. Meu corpo e meus olhos, principalmente os olhos, estão bem dispostos a permanecer na cama, mas há essa tosse aí, de minha responsabilidade. Abro uma fresta na janela, que é um modo de ver sem ser visto — a segurança — e vejo um vulto que acaba de sair da sombra redonda do oiti para a claridade derramada pela lua no terreiro.

BABBAK

O FUTURO HOMEM DAS CAVERNAS

3

de
André
Caliman



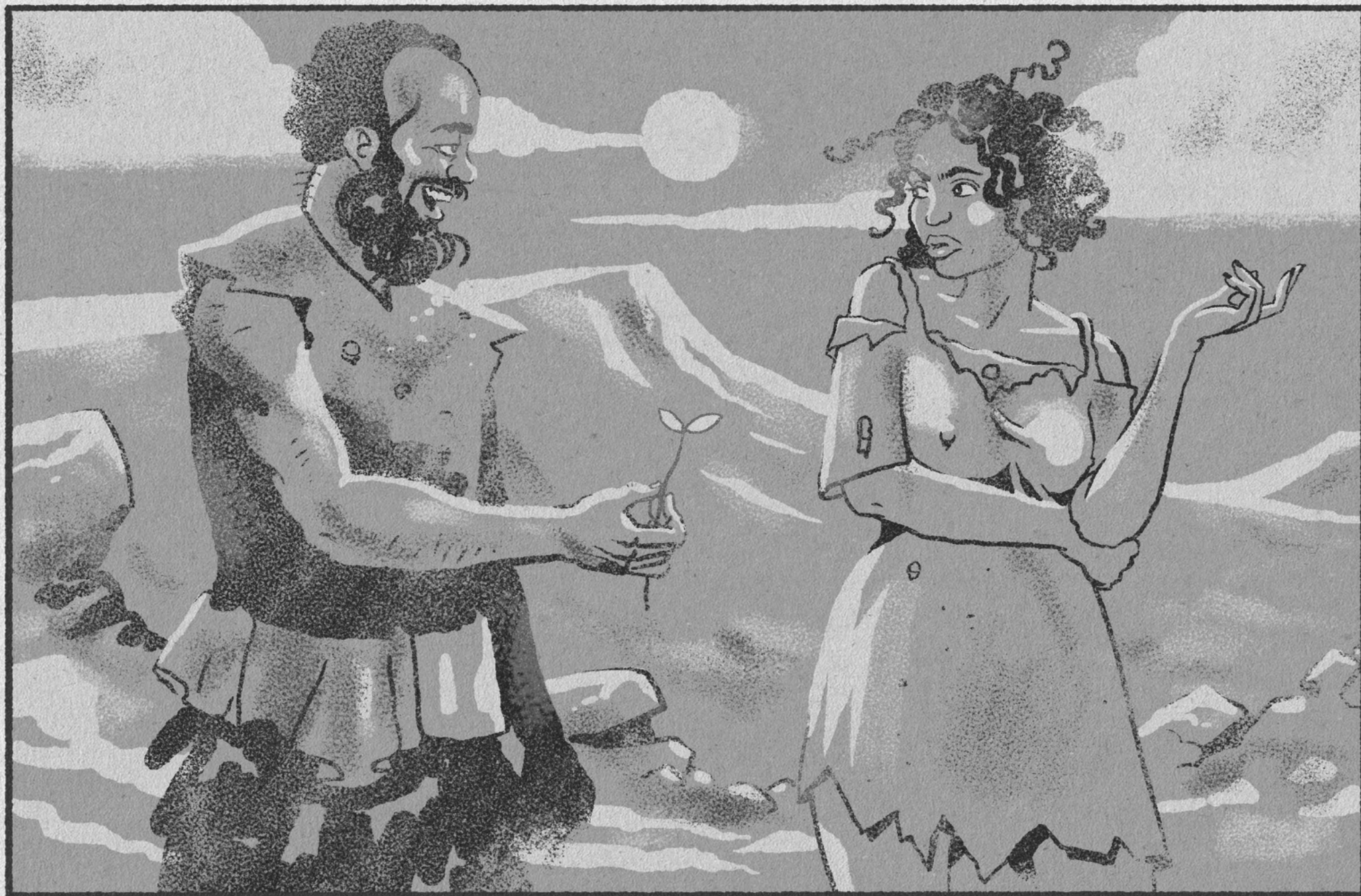
- Como cabia tanta gente no mundo na era pré-apocalíptica? Hoje somos só uns trezentos e já me sinto sufocado!

BABAK

O FUTURO HOMEM DAS CAVERNAS

4

de
André
Caliman



- Que tal começarmos o repovoamento?
- Babak, você sabe onde já deu essa ideia de crescer e se multiplicar.

Anne Carson

Tradução de Michele Soares

Os poemas “Her Beckett”, “Beckett’s Theory of Tragedy” e “Beckett’s Theory of Comedy” encerram a série “Stops”, presente no livro *Decreation: Poetry, Essays, Opera* (Alfred A. Knopf, 2005), de Anne Carson.

Her Beckett

Going to visit my mother is like starting in on a piece by Beckett.

You know that sense of sinking through crust,
the low black *oh no* of the little room
with walls too close, so knowable.

Clink and slow fade of toys that belong in memory

but wrongly appear here, vagrant and suffocated

on a page of pain.

Worse

she says when I ask,

even as (was it April) some high humour grazes her eye —

“we went out rowing on Lake Como”-

not quite reaching the lip.

Our love, *that halfmad firebrand*,

races once around the room

whipping everything

and hides again.

O Beckett dela

Ir visitar a minha mãe é como começar uma peça de Beckett.

Você conhece aquela sensação de afundar através da crosta,
o baixo sombrio *ai não* da salinha
com paredes próximas demais, tão conhecível.

Um clique e a lenta desapareição dos brinquedos adequados à memória
mas que aqui aparecem errados, errantes e asfixiados

numa página de dor.

Pior

ela diz quando eu pergunto,

ao mesmo tempo em que (talvez em Abril?) certa elevação de humor roça o seu
olhar— “nós saímos remando pelo Lago Como”

sem chegar de todo ao ponto.

Nosso amor, *esse incendiário meio doido*,

corre uma vez ao redor da sala

chicoteando tudo

e se esconde de novo.

COBERTURA DE EVENTOS CULTURAIS, EXPOSIÇÕES, RESENHAS, COBERTURA DE SHOWS. TUDO ISSO E MUITO MAIS VOCÊ ENCONTRA NO SITE

CRIPTO CULTURAL
ACESSE
[HTTPS://CRIPTOCULTURAL.COM.BR](https://criptocultural.com.br)

E @CRIPTOCULTURAL NO INSTAGRAM.

FIQUE POR DENTRO DE TUDO!



editora **penalux**

Editora Penalux
Porque livros iluminam

www.editorapenalux.com.br
originais@editorapenalux.com.br



SINETE
editora

Valorizando a literatura brasileira contemporânea.

Confira nosso catálogo e conheça nossos autores.
editorasinete.com.br



Beckett's Theory of Tragedy

Hegel on sacrifice. The animal dies. The man becomes alert.
What do we learn we learn to notice everything now.
We learn to say he is a hero let him do it.
O is shown moving to the window.
What a rustling what an evening. *Oh little actor*

(living moving mourning lamenting and howling incessantly)
time to fly back to where they keep your skin.
Frail was it.
Sound of oars drawing away from shore.
That tang of dogshit in darkness.
That's your starry crown.
Off with his hood.

A teoria da tragédia de Beckett

Hegel sobre o sacrifício. O animal morre. O homem fica alerta.
O que aprendemos aprendemos a notar tudo agora.
Aprendemos a dizer ele é um herói deixe-o fazê-lo.
X é mostrado indo até a janela.
Que rumor que fim de tarde. *Ah atorzinho*

(vivendo mexendo-se enlutando-se lamentando-se e uivando incessantemente) é
tempo de voar de volta para onde eles mantêm a sua pele.
Isso era frágil.
Som de remos afastando-se da costa.
Aquele fedor de merda de cachorro no breu.
Essa é a sua coroa estrelada.
Tirem o capuz dele.

Beckett's Theory of Comedy

Picking gooseberries, she said.
O is shown moving to the window.
Should traps be not available.
Or they kneel throughout the play.
That lifelong adorer!
Same old coat.
No verticals, all scattered and lying.
Tomorrow noon?
Goes back up the path, no sign of you.
[Pause.]

A teoria da comédia de Beckett

Colhendo groselhas, ela disse.
X é mostrado indo até a janela.
As armadilhas devem estar indisponíveis.
Ou eles ficam de joelhos por toda a peça.
Esse adorador de uma vida inteira!
Mesmo casaco velho.
Nada vertical, tudo espalhado e prostrado.
Amanhã ao meio-dia?
Faz o caminho de volta, nenhum sinal de você.
[Pausa.]



Carioca insulana, vive do texto: é redatora, editora, ficcionista e poeta. Participou de várias antologias de ficção especulativa. Em 2021 ganhou o Prêmio Grand ABERST e, em 2022, foi finalista na categoria Narrativa Curta de Suspense. Em 2024, lança dois livros: a coletânea de contos "Desilusão de ótica – contos e aparições", pela Urutau, e a coletânea poética "Para tudo que nasce e morre, o interlúdio é o presente infinito", pela Mondru.

Editora Urutau
82 páginas
R\$ 48,00



ursula.antunes.de@gmail.com
[@ursulaantunes_cl](https://www.instagram.com/ursulaantunes_cl)

Qui

Conheci Qui num domingo à tarde em que fui ao cinema com a Ana e o Pedro, que trabalhavam com ele. Os três eram dubladores de um desenho infantil que passava toda manhã na TV aberta. Qui era o herói, Ana a sua amada e Pedro o vilão; nunca vira o desenho, mas já sabia o que iria acontecer nos próximos dez episódios, pois Ana e Pedro adoravam me contar tudo o que suas personagens andavam fazendo. Sobre o Qui sabia pouco e não simpatizava com ele: um herói que não tinha nenhum poder, mas que ao se ver em perigo cantava uma musiquinha que o fazia trabalhar com o tempo da maneira que bem entendesse.

Quando chegamos ao cinema ele estava lá, fomos apresentados e eu o achei simpático, porém com um olhar estranho, meio perdido e vazio. O nome dele não era Qui e sim Júlio; Qui era o personagem e ele adotara o nome como seu também e agora só queria ser chamado assim. Vimos o filme e depois fomos tomar uma cerveja, notava em Qui uma espécie de nervosismo enjaulado, que parecia querer fugir de dentro dele pelos olhos. No bar falamos muito sobre o filme, que dividia nossas opiniões: eu e Ana gostamos, Pedro e Qui odiaram.

Conversamos muito sobre cinema, literatura e filosofia, até que chegamos ao desenho, aí sim Qui sorriu, seus olhos brilharam e ele começou a expor suas teorias sobre seu futuro, seus planos de casar e fugir com Fa (Ana) e de destruir de vez Cano (Pedro), pois já estava cansado de fazer sempre as mesmas coisas e acabar voltando sempre ao mesmo ponto, ele queria fugir de Fabu (o mundo onde viviam) e vir para a Terra. Ouvindo-o falar, não se sabia se era o Qui do desenho ou o Qui Júlio quem falava.

Fiquei um pouco assustada, nunca ouvira Ana ou Pedro falar assim sobre suas personagens, era uma espécie de fixação a de Júlio por Qui. No dia seguinte liguei para Ana e perguntei se Qui era sempre daquele jeito estranho quando falava sobre a personagem, ela disse não ver nada demais e que o achava um excelente dublador e um ator ainda melhor, é por isso que ele fica assim, sem você saber ao certo se quem está falando é o Qui do desenho ou o Qui Júlio.


Um mês depois fui assistir a uma dublagem que eles fariam para um capítulo especial que seria exibido no dia das crianças. Qui estava muito bonito naquele dia, com uma camisa verde, que ficava bem com seus olhos, e uma bermuda que o deixava com um ar mais jovial, alegre e tranquilo. Fiquei fascinada em como eles interagiam, quase não precisavam ensaiar, passavam o texto uma vez, às vezes duas, e pronto, pode gravar. O mais estupendo era Qui, seria impossível imaginar outra voz para aquele lindo bichinho azul com cara de urso de pelúcia e olhar de gato.

Fui parabenizá-los e dizer que havia gostado bastante. Disseram-me que voltasse outras vezes e Qui chamou-me para tomar um sorvete, olhei Ana de soslaio e com um risinho lindo ela me disse vai sim.

Fui. Qui estava bem diferente do dia do cinema. Mais alegre, falava da felicidade que sentira desde a primeira vez que fizera a voz de Qui. Fiquei sabendo que ela já colaborava com o criador das histórias, tanto nas falas, suas principalmente, quanto nos desenhos. Com gosto de flocos na boca, o ouvi cantar a tal música que o fazia mexer com o tempo:

“Meu tempo vai
Meu tempo vem





Eu não sou páreo pra ninguém.
Meu tempo vem
Meu tempo vai
Pra frente e pra trás.”

Achei-a engraçada e mesmo bobinha, mas me surpreendi foi com Qui dizendo que devíamos correr, pois Cano estava nos seguindo, ele tinha certeza, e segurando-me pelo braço, disse que eu parecia diferente e que ele não sabia se eu era mesmo a Fa. Assustada, sorri, achando que ele apenas brincava comigo, pedi então que me falasse qual era o plano de fuga e, quando o vi tirar do bolso um caderninho com números e letras formando uma complexa mistura, tive certeza de que ele não brincava e que achava-se mesmo o Qui do desenho.

Pensei em ir logo embora mas como deixá-lo naquele estado? Não, isso seria egoísmo da minha parte. Chamei-o então para irmos juntos, já que precisava acordar cedo no dia seguinte, ele respondeu que o tempo não era problema, bastava apenas cantar e pronto, como você quer: pra frente ou pra trás? Sorri sem graça. E agora, o que fazer? Como lidar com ele naquele momento?

Fui ao banheiro, estava ficando nervosa, acalmei-me com a água fria nos pulsos e no rosto; quando voltei não mais o vi. Confusamente perguntei à menina do caixa se vira para onde fora o rapaz de verde que estava sentado na mesa do canto. Fiquei surpresa quando ela disse não ter visto ali ninguém como eu descrevera.

Decidi ir embora e no dia seguinte liguei para Ana e Pedro e contei aos dois o que acontecera, eles riram e falaram que eu estava muito preocupada com pouco, e que Qui era assim mesmo. Cheguei ao estúdio quando já estavam acabando a gravação. Qui veio direto até mim e disse que precisou mudar o tempo de repente porque Cano estava por perto e, por isso, quando eu voltei do banheiro, ele não estava mais lá, porque, na verdade, nós nem chegamos até a sorveteria depois do tempo mudado.

Nada entendi de sua explicação e disse estar triste com ele por ter me deixado sozinha. Recusei dois convites seguidos dele para ir ao cinema e, um dia, quando caminhava à tarde pegando uma fresquinha dessas gostosas da primavera, eu o vi do outro lado da rua, atravessei e o surpreendi com um susto. Andando e conversando ficamos juntos até anoitecer; Qui disse estar triste, ele achava que não iria mais me ver, pois iria embora com a Fa para a Terra e que não queria voltar o tempo para me ver porque estava com medo de que Cano o pegasse dessa vez. Seguimos andando até a minha casa, Qui não quis entrar, deu-me um beijo na testa e pediu que me cuidasse.

Dormi mal toda a noite pensando nas histórias que Qui havia me contado em nossos encontros. Pela manhã liguei a tevê no horário do desenho e quase tive um ataque ao ver que Qui e Fa haviam mesmo fugido para a Terra, mas uma explosão em sua nave os fez cair em um planeta desconhecido e não se sabia se eles haviam sobrevivido. Depois de um tempo saí e fui ao estúdio, tive outro choque ao ver Cano arrumando suas coisas e dizendo que iria viajar, não quis me dizer para onde iria mas vi que levava sua pistola intra-temporal, a única capaz de atingir Qui onde quer que ele estivesse.



Virginia Woolf

Tradução de Cecília Meireles

Trecho de Orlando

Vida? Literatura? Converter uma na outra?
Mas que monstruosa dificuldade!